

CORPO PARI(N)DO: UM MEMORIAL POÉTICO DECOLONIAL SOBRE O CORPO DA MÃE

BODY GIVING BIRTH: A DECOLONIAL POETIC MEMORIAL ABOUT THE MATERNAL BODY

Marluce Cristina Araújo Silva
PPGARTES-UFPA

Resumo

Este texto pretende apresentar os atravessamentos e insurgências de uma mulher-mãe, artista, pesquisadora e Doula da Amazônia paraense, que por meio de suas tessituras de escritas, pretende rememorar o Ato Performativo Restaurado do gestar, parir, nascer e maternar, em diálogo com os estudos em Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes. Com o objetivo de revelar uma poética decolonial do corpo através da arte como cuidado, interccionalizando a experiência nestes Ritos de Passagem Umbigados, utilizamos conceitos de Schechner (2003), Gennep (2013) e Rolnik (2018). Por meio de relato de experiência, pretendemos refletir sobre os estudos decoloniais da maternidade, que se revela ativa, plural, identitária, territorial. Conclui-se, assim, que as artes da cena são capazes de potencializar estratégias criativas para políticas de cuidado e de bem viver.

Palavras-chave:

Arte; corpo; estudos da maternidade; poética-decolonial.

Abstract

This text intends to present the crossings and insurgencies of a woman-mother, artist, researcher and Doula from the Pará Amazon, who through her writings, intends to remember the restored performative act of gestating, giving birth, being born and caring, in dialogue with studies in Epistemic Theories and Interfaces in Arts. With the aim of revealing a decolonial poetics of the body through art as care, interactionizing the experience that is lived in these Umbigados Rites of Passage. The theorists Schechner (2003), Gennep (2013) and Rolnik (2018) are summoned. Through an experience report, it is intended to reflect on the studies of motherhood, which reveals itself to be active, plural, identity, and territorial. Therefore, it is concluded that the performing arts are capable of enhancing creative strategies to strengthen policies of care and good living.

Keywords:

Art; body; maternity studies; decolonial-poetics.

Partindo da máxima de que “só o conhecimento liberta”, proponho, ao longo desta tessitura, uma escrita em forma de memorial poético que entrelaça meus estudos sobre o corpo materno, a dinâmica da maternidade e seus múltiplos desdobramentos. Na contemporaneidade, tais escritos revelam-se oportunos, pois contribuem para a construção de processos visionários – inventores de mundos mais justos – que reconhecem e valorizam os saberes ancestrais oriundos de territórios de resistência e criação. Quanto mais nossa memória é estimulada por materiais poéticos, que são capazes de sensibilizar para humanizar, mais teremos condições de absorver as mensagens, os símbolos e as informações capazes de subsidiar processos criativos e emancipatórios sobre o corpo em sua dinâmica sobre o materno.

A memória e a aprendizagem são processos interligados e fundamentais para tornar nosso cotidiano mais orgânico. A memória, alicerce da aprendizagem, é responsável por processar informações essenciais e por sustentar a execução de tarefas indispensáveis à construção de uma vida em harmonia. Para expressar meus atravessamentos como Mãe, Artista e Doula,¹ encontro na sistematização e na criação – mediadas pela memória – a forma mais potente de manifestação. É nesse saber-fazer que cultivo meu maior propósito: refletir sobre o lugar da arte como cuidado, na edificação da memória corporal e cultural de um fenômeno que, de maneira intrínseca, habita e sustenta nossa humanidade – o gestar, parir, nascer e materno, em toda a sua pluralidade.

Como Artista do corpo e da voz (pois sou atriz e contadora de histórias), percebo por meio do ato de narrar, pensar e refletir, a capacidade de desenvolver um diálogo com os estudos decoloniais da maternidade, estudos estes que suscitam processos de aprendizagem fundamentais para a garantia de Direitos Humanos inegociáveis como o direito de gestar e parir sem violência, e ainda o direito de exercermos um materno anti-hegemônico capaz de reconhecer, nas múltiplas formas de maternidades, o cuidado como ferramenta e prática de bem viver.

Em proposição fértil trago este texto intitulado *CORPO PARI(N)DO – Um memorial poético decolonial sobre o corpo da mãe*, que me coloca

no desafio de elaborar uma escrita sobre meu processo de criação como Artista e Doula. De forma simbólica, poética e ancestral, trago a tona esta temática que, para mim, se apresenta como uma prática insurgente,² apontando caminhos poéticos-decoloniais do corpo em Ato Performático Restaurado no gestar-parir-nascer e materno sob a égide e a dimensão da arte como cuidado.

Ser uma artista e pesquisadora fez nascer em mim a necessidade de expressar minhas ideias com mais segurança e propriedade, e trazer para jogo às atribuições desenvolvidas nestes últimos treze anos, que considero como subsídios para as minhas insubordinações, e que simbolicamente passaram a assinar minha “carta de alforria”, pois venho buscando evidenciar uma espécie de subversão e resistência do CORPO ao vivenciar os Ritos de Passagem Umbigado³ – gestar-parir-nascer e materno.

Esta oportunidade de escrita contribui, certamente, com os atravessamentos que compõem meu projeto de pesquisa para doutoramento, pois busco investigar no corpo e pelo corpo o que seria este Ato Performático Restaurado em Ritos de Passagem Umbigado³ – gestar-parir-nascer e materno, inspirada no que Richard Shechner nomeia como “comportamentos restaurados”:

Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. Performances artísticas, rituais, ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiam. Está claro que fazer arte exige treino e esforço consciente. Mas a vida cotidiana também envolve anos de treinamento e aprendizado de parcelas específicas de comportamento e requer a descoberta de como ajustar e exercer as ações de uma vida em relação às circunstâncias pessoais e comunitárias (Schechner, 2003, p. 27).

Gestar, parir, nascer e materno intrinsecamente se fazem e se refazem no treino de aprender essas determinadas porções de comportamentos culturais, e que, segundo o autor, tem a capacidade de ajustar e direcionar os sujeitos e seus papéis em relação às circunstâncias de âmbito social e pessoal. Portanto, o Ato Performático Restaurado do gestar-parir-nascer e materno só se recria onde

puderem ser experimentados com autonomia, liberdade e dignidade, pois desde que o mundo é mundo o corpo “para além do que ensina a anatomia, a fisiologia e a química orgânica, o corpo é também a primeira manifestação da pessoa inteira (Perissé, 2019, p. 7).

Tratar deste escopo leva-me, naturalmente, à necessidade de orientar com precisão minhas investigações e criações, bem como os caminhos que pretendo trilhar com esta pesquisa. Sigo os rastros das mulheres-mães – detentoras, por direito, dessa dinâmica – minhas ancestrais. Desejo, portanto, lançar luz sobre um fenômeno que, embora para muitas pareça instintivo e natural, revela-se como uma construção social e, em muitos casos, como parte de um plano capitalista de dominação, pois, segundo Genep nos ensina sobre ritos de passagem: “os ritos de gravidez propriamente ditos, a qual é período de margem”, e ainda “os ritos de gravidez, assim como os do parto, compreendem, além disso, um grande número de ritos simpáticos ou de contágio, diretos ou indiretos, dinamistas ou animistas, tendo por objetivo facilitar o parto e proteger a mãe e a criança” (Genep, 2013, p. 53).

Correia assim define a “maternidade”: “Maternidade não corresponde a um acontecimento biológico, mas a uma vivência inscrita numa dinâmica sócio-histórica. Envolve prestação de cuidados, envolvimento afetivo e em medidas variáveis” (Correia, 1998, p. 366). Sendo assim, este fenômeno não deveria nunca ser romantizado. Partindo da premissa de que a maternidade se desenvolve de forma plural, o conceito em relação ao ato de gestar e parir uma criança, a maternagem, por sua vez, independe disso, pois está totalmente ligada ao ato de cuidar e de dar apoio ao desenvolvimento da criança que veio ao mundo. Do ponto de vista de uma mulher-mãe, independentemente de ser biológica ou adotiva, ou de sua cultura, raça e/ou crença, o maternar traz em sua dinâmica uma vivência visceral, transformadora e, na maioria das vezes, avassaladora.

Nós, Doulas, na perspectiva de auxiliar esta revolução nada fácil, somos profissionais que desenvolvemos um trabalho sob uma tétrede – o gestar, parir, nascer e cuidar. Para dar conta de diversas realidades, hoje podemos também contar com as Doulas de Adoção, por exemplo, profissional

que, assim como a Doula de gestação e parto, apoiará de forma informacional, emocional e física (por exemplo, no desenvolvimento e estímulo dos seios para a efetiva amamentação) a futura mãe.

Já sobre os Ritos de Passagem que acontecem em essência umbigados no gestar-parir-nascer-cuidar, desempenhamos um trabalho extremamente relevante, não só para a área da Saúde, mas para a área da Educação, da Assistência, e para a recente Política de Cuidado. Para abordarmos a ação que a *doulagem* executa como uma prática insurgente, é preciso analisar e refletir sobre a dinâmica da maternidade como ato político, que também se desenvolve, em essência, na insurreição.⁴ Nesse sentido, os estudos sobre processos Insurgentes e Ativismo Micropolíticos de Suely Rolnik contribuem com essa perspectiva quando a autora diz que “Somos então tomados por uma urgência que convoca do desejo de agir”:

Assim são as insurgências que vem irrompendo por toda parte e que tem introduzido estratégias nas quais o par direita/esquerda deixa de ser um operador suficiente para delinear as forças em jogo e acertar os alvos do combate. São movimentos de insubordinação que têm surgido sobretudo nas gerações mais jovens (em especial nas periferias dos centros urbanos e, mais especialmente entre negros, mulheres e LGBTQI+), assim como nos povos indígenas e nas comunidades quilombolas). Ora, não será exatamente a presença dessa mudança de estratégia o que nos surpreende nesses novos movimentos insurrecionais? (Rolnik, 2018, p. 102).

Percebo, portanto, que não basta somente escrever sobre a violação que corpos de mulheres mães e pessoas com útero passam, se faz necessário problematizar como o corpo, principalmente o feminino, preto, periférico, trans, vem sendo tratado, silenciado, subjugado, quando se escolhe (na maioria das vezes não se escolhe) ser mãe ou exercer a maternagem, pois, ao engravidar, a pessoa se vê numa luta absurda contra o sistema, na esperança de não se deixar violar, roubar e devastar ao viver esta experiência de gestar-parir-nascer; ou se escolher adotar. Há também toda uma gama de burocracias e violações que a pessoa precisará enfrentar, como a estigmatização e o preconceito, em processos de adoção complexos, e a não aceitação da própria família e da sociedade.

Ao lançar como estratégia de escrita um memorial poético, de certa forma, meu intuito é o de lançar uma lupa sobre o assunto em questão, que por si só nunca se esgota, pois talvez assim eu consiga adentrar neste assunto de forma eficaz e contundente, pois aqui do meu lugar de fala de mulher-mãe Artista e Doula trago a perspectiva de Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra, e escritora brasileira que sustenta um conceito que favorece a participação de grupos que têm menos voz ativa nas decisões e rumos da sociedade. Segundo a escritora, a hierarquia estrutural da sociedade faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes de grupos minoritários sejam tratados de modo inferior, e que “ao promover uma multiplicidade de vozes, o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva” (Ribeiro, 2017, p. 70).

A complexidade desta temática, do ponto de vista da pessoa que gesta, nos convoca a pontuar que há quase uma década a violência obstétrica⁵ é reconhecida como questão de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde (OMS), dada as evidências de desrespeito e maus-tratos sofrida por mulheres, principalmente durante a cena do parto. Pontualmente, por este ser um dos momentos da vida em que mulheres e pessoas que gestam se encontram mais vulneráveis, materializa-se aí uma sucessão de negligências, violência verbal, violência física, procedimentos desnecessários, indesejados e até negados.

Apesar da dureza que permeia esta temática, ainda permito-me ver poesia entre uma brecha e outra na militância que venho por estes anos exercendo, e digo-lhes que, ao me tornar mãe, vi meu corpo como morada de três corações, sim, o meu coração, responsável por bombear o sangue e me manter viva, o coração do meu filho e meu útero, órgão reprodutor feminino responsável pela menstruação, gravidez e parto, e que me permitiu, por duas vezes, viver estes “Ritos de Passagem Umbigados”. Em ambas experiências, fui em busca de informações seguras, e pude ter autonomia sobre meu corpo nas gestações e partos dos meus dois filhos, conseguindo, assim, me proteger da tão temida “violência obstétrica”;⁵ inimiga velada (na maioria das vezes) de pessoas em estado gravídico puerperal, acometendo em sua maioria mulheres

negras, indígenas, periféricas e pessoas trans.

Em 2011, aos 32 anos, precisei convocar meu corpo inteiro a acordar, e para que eu não passasse por esta violação, só dependia de mim mesma. E, assim, começou a saga para ter meu filho Moisés em paz; assim como, aos 36 anos, em 2016, consegui ter meu caçula, o Ângelo. Ambos foram gerados e paridos através de partos naturais humanizados, o do Moisés em um parto domiciliar planejado, e o Ângelo em uma Casa de Parto, 100% SUS. Em ambas experiências tive a presença de uma Doula, figura que em meu processo foi essencial e indispensável para que eu não desistisse de parir. Posteriormente, estudei e me tornei uma Doula também.

Com a chegada da maternidade pude viver uma verdadeira revolução, que acabou por me estimular a criar e a desenvolver um processo de investigação político-poético decolonial, através do qual desejo subverter o saber fazer eurocentrado, propondo uma desobediência epistêmica “capaz de nos colocar num movimento de refazer caminhos, desconstruir saberes e questionar alguns ‘achados’ em nossas pesquisas” (Santos, 2018, p. 7), pois, “sem desobediência não há contraposição à colonialidade” (Kilomba, 2016 *apud* Santos, 2018, p. 7).

Em meus estudos, sob a perspectiva decolonial, chamou-me a atenção que “coloca-se, como indispensável à crítica feminista à ciência, convoca-nos uma abordagem em nossas pesquisas, capaz de, num momento inicial, permitir-nos perceber aquilo que nossa formação teórico metodológica norte-americano e eurocentrada desconsidera” (Santos, 2018, p. 7). Portanto, partindo da premissa de “nada sobre nós sem nós” surgiu a necessidade de aprofundar a parte que me cabe deste latifúndio, para melhor saber adentrar estas esferas acadêmicas e, assim, efetivar possíveis estudos e poéticas decoloniais, que me possibilitasse, como uma Artista Doula, dialogar com as interfaces epistêmicas em arte.

Para este objetivo venho tentando problematizar questões como: quais implicações a desobediência epistêmica teria em nossos saberes, em nossos processos de pensar, criar, e interpretar o real e as relações culturais e sociais? Como poderíamos pensar e escrever nossos processos criativos, de forma a construirmos um discurso que reintegre

nosso saber-fazer-criar? Pois, no processo de escrita em memorial poético decolonial, tive acesso ao texto *Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade* (Maroun; Vieira, 2008), e consegui criar elos com o que venho chamando de Ato Performático Restaurado, processo este vivido pelo corpo ao gestar-parir e maternar, e dele considero que

o corpo é o vetor semântico pelo qual a relação do indivíduo com o mundo é construída, o que ocorre por meio do contexto cultural e social em que o indivíduo se insere. Dentre essas relações, encontramos atividades perceptivas, mas também expressão de sentimentos, cerimoniais de ritos e de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor e com o sofrimento. O corpo produz sentidos continuamente e, assim, insere-se ativamente no interior de dado espaço social e cultural. "Antes de qualquer coisa, a existência é corporal" (Le Breton, 2006 apud Maroun; Vieira, 2008, p. 172).

Se a existência é corporal, como pode o sistema acreditar que o corpo é uma mercadoria? Como o corpo pode ritualizar para resistir? Como mulher-mãe-artista-pesquisadora, e também Doula, busco sensibilizar através da arte da cena, aportes que ressignifique o que o Corpo experimenta ao parir ou não, mas ao se tornar mãe, insurgência capaz de restaurar a performance corporal sobre si, sua ancestralidade e seu poder de autonomia. Esse fenômeno requer na contemporaneidade um saber fazer científico, fisiológico e ancestral, capaz de ritualizar para resistir ao sistema que, há milênios, nos violenta e nos silencia.

Buscando ampliar a discussão, compreendi que adentrava em uma esfera ligada as trincheiras de minha luta e militância, a partir da leitura do texto *Violências e Instituição Maternidade: uma reflexão Feminista Decolonial*: "A sociedade brasileira possui um histórico marcado por violências e autoritarismos. A história colonial que funda a ideia de Brasil se consolida com a noção de identidade baseada em aspectos racistas, sexistas e heteronormativos" (Gonzaga, Mayorga, 2019, p. 60). Desse lugar de mulher-mãe Artista e Doula, me atravessa a garganta as inúmeras violências de gênero que os corpos maternos precisam passar, resultado de uma herança histórica que nos faz

também questionar:

Que é ser mãe? O que significa termos um potencial biológico como condição mínima de pertencimento identitário? Ser mulher é ser mãe? E as mulheres que não são mães; o que são? Como é possível recusar o papel que produz respeitabilidade no sistema patriarcal? Como a obrigatoriedade do cuidado com a prole tem sido útil para a manutenção das mulheres no ambiente doméstico, mesmo quando ocupam funções no mundo público? Se a maternidade redimiria as mulheres do pecado original, aquelas que a recusam estariam negando essa redenção? (Gonzaga; Mayorga, 2019, p. 60).

Portanto, como bem pergunta as autoras, qual o preço que precisaremos ainda pagar, quais as convenções que o sistema patriarcal nos submeterá, principalmente, nós mulheres, para que a lógica construída seja ainda hoje reproduzida? Sobre esta infeliz ideia equivocada de que a maternidade é um destino de toda mulher e que, uma vez vivenciada, precisa vir regada de dor e sofrimento ou de amor incondicional.

Como artista que sou, e sob a ótica de não ver apenas as mazelas desta condição na qual estou intrinsecamente imbuída e envolvida sob uma perspectiva ancestral, vislumbrei as camadas que também precisei considerar, por exemplo, o parto como um evento ritualístico de resistência, e o maternar sobre sua busca insana por sua autonomia e liberdade, como lemos no artigo *Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais*.

As duas primeiras abordagens foram aquelas trabalhadas no item anterior, com base nas proposições do pensamento feminista e indígena latino-americano. Enquanto o "corpo-território" vê o corpo (especialmente o corpo da mulher) no seu conjunto como nosso primeiro território, o "território do/no corpo" admite a territorialidade dos próprios órgãos que o compõem, como no enfoque de Echeverri (2002) ao definir o ventre materno como "primeiro território" ou Zaragocin (2018a) ao conceber a condição territorial do útero (Haesbaert, 2020, p. 82).

Algo que nos coloca na condição de igualdade é o fato de termos todos, simplesmente todos os seres humanos, vindos de um ventre. Na perspectiva



Figura 1 - Performance Restaurada, trabalho de parto. *ATO POÉTICO*, Riec (2024).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

e dimensão que o corpo exerce, a dinâmica de maternidade na vida de nós, mulheres, é demarcada pela sociedade, e, na maioria das vezes, reproduzidas por uma ideia construída historicamente, socialmente e culturalmente com base em convenções e padrões ditados pelo sistema hegemonicamente capitalista patriarcal. Esse contexto nos força a viver nossa experiência de maternidade quase como uma sentença de sofrimento, abdições e violações.

É necessária uma quebra de paradigmas para que se tornem determinantes a garantia de uma eficaz Justiça Reprodutiva e a de Direitos Humanos, que defendem a autonomia do corpo. Essa desconstrução social e cultural precisa ser capaz de libertar os corpos do condicionamento de práticas violadoras que são utilizadas por algumas relações sociais e institucionais, que se renovam e se mantêm ao longo do tempo, tanto pelo sistema como pela relação familiar.

Estes possíveis caminhos epistêmicos, poéticos, políticos e ancestrais, fez-se em mim um terreno fértil para adentrar no escopo mais apurado sobre o estado do corpo que eu investigo, para aprofundar meus estudos, pois “O corpo é um dos objetos que assumem valores simbólicos relevantes na atualidade” (Maroun; Vieira, 2008, p. 172). Por meio destes atravessamentos de campo teórico, em meio as linhas e entrelinhas desta jornada, fui sendo também imersa em um processo criativo de um ato poético decolonial que apresentei em julho de 2024, no 4º Congresso RIEC - *Corpos, Artes e Culturas: entre margens e fronteiras*, e em novembro de 2024 no 1º Seminário de *Visualidade da Cena*, em comunicação oral e exposição visual. Estes têm sido o constructo da escritura de meus processos criativos para que, futuramente, sirvam de aportes a artistas e pesquisadores. A seguir, algumas imagens do ato poético realizado em agosto de 2024.

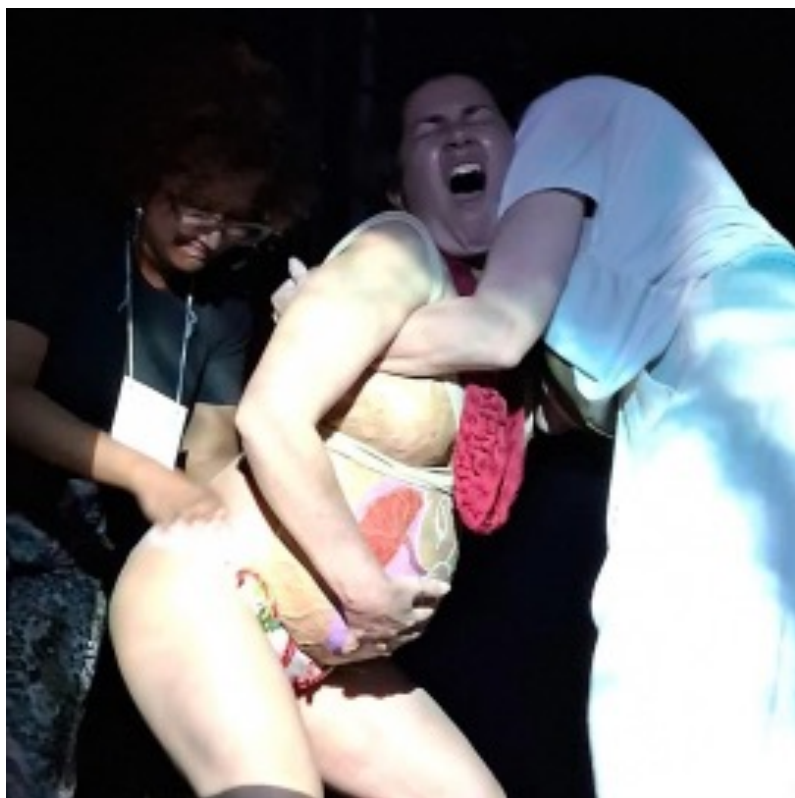


Figura 2 - Performance Restaurada, o público participando e a arte como cuidado. *ATO POÉTICO*, Riec (2024).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 3 - Performance Restaurada gestar e parir. *ATO POÉTICO*, Riec (2024).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas investigações, como mulher-Mãe, Artista e Doula, sobre o corpo na perspectiva político-poético, sob a ótica da arte como cuidado, e os estudos decoloniais da maternidade, buscaram contribuir para a humanização do humano e a sensibilização de algumas áreas do conhecimento pertinentes ao tema. A arte da cena me oportunizou criar e encenar um Ato Poético potencialmente imbuída pelos atravessamentos que minha pesquisa proporciona, encontrando no processo criativo a consolidação de minhas reflexões.

Honro assim minha ancestralidade feminina, pois minha avó materna Ana, mulher ribeirinha e rezadeira das boas, detinha um saber empírico no cuidado com as pessoas e, principalmente, com as crianças. Usando o saber das ervas, ela cuidou de todos nós. E ainda minha mãe Maria, mulher nascida na beira do rio, que herdou de sua mãe a fé inabalável em Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do povo paraense. Lembro dela sempre nos dizendo: “Fé na vida, minha filha. Confia na tua guiança!”. Portanto, através delas e para elas, oferecendo uma poesia de minha autoria, e ritualizo essa dinâmica da maternidade como fonte criativa de RE-existência. Imersa em muitos atravessamentos e devaneios, percebo os corpos que pesquiso-e o meu próprio corpo- se partindo e pari(n)do este memorial, na tentativa de deixar desaguar toda essa imensidão.

CORPO PARI(N)DO

Germinar a alma, tramar a vida,
para que este sistema genocida não me alcance, e
me deixe viver,
consequindo pelas brechas gestar, parir e nascer;
incorporando a alma de vida, e vida em abundância,
que insubordinada não se deixa sucumbir,
e mesmo que tudo desate, meu corpo me cabe,
e eu escolho o que quero para mim.
Corpo útero, ovário, trompa, pelve, vagina, buceta,
que dá passagem para a vida e volta a viver.
Corpo em estado de oração que se revela no silêncio
da respiração;
coração ação da criação.
Corpo sustento, suspenso no tempo,
Corpo que grita e reivindica a voz, o gozo,
Corpo que sente e restaura o seu saber fazer,
Saber ancestral de um corpo em sina, que ensina,
Corpo em rima a dança da vida,
Ato restaurado no corpo território,

Corpo morada, corpo dádiva.
Corpo árvore, que dá a vida e enraíza e recria,
Trabalho de parto, em parto meu ato,
meu corpo inteiro se parte no meio,
fenômeno arteiro do bem nascer.
Meu corpo oferenda potencializa o que cria,
Alimenta e retroalimenta a ciclicidade da vida.
Por isso não queiram calar-me,
deixem meu corpo trabalhar!
Agora eu pergunto:
- Isso tudo vem de onde?
A garganta é a gruta que guarda o som,
o som é o espírito que guarda a alma.
A força, me ouça!!!
Sopro de vida no tempo um recado da alma,
Que quando parido indo será guiado,
Árduo estado de fato,
Corpo em ação de nascer e renascer,
de criar e recriar,
Rios de gente descrentes, sonhando ser gente,
Vida, morte, morte e vida, cíclica.
Corpo Dádiva de receber vida,
Curar o corpo das feridas das que vieram antes de
nós,
Humanizando o humano sobre a prática do bem
viver,
Reverenciando a arte como cuidado,
de ver corpo de gente gestar, parir e renascer.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos Humaniza SUS**. Brasília: Universidade Estadual do Ceará, 2014.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Aná. Psicológica**, Lisboa: v.16, n.3, p. 365-371, set. 1998. Disponível em: <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82311998000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2025.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GONZAGA, Paula; MAYORGA, Claudia. Violências e Instituição Maternidade: uma Reflexão Feminista Decolonial. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília: v.39, n.2, p.59-73, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/TBYV3XG9hyGn8NxnjnnnyKP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 out. 2025.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território

ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v.22, n.48, p. 75-90, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100>>. Acesso em: 14 out. 2025.

MAIA, Mônica Bara. **Humanização do Parto** - Política, comportamento organizacional e *ethos* profissional. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v.14, n.2, p. 171-186, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/346>>. Acesso em: 14 out. 2025.

PERISSÉ, Gabriel. **Uma pedagogia do corpo**. São Paulo: Editora Página 3, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SCHERCHNER, Richard. O que é Performance? **O Percevejo**, Revista de Teatro e Estética, Rio de Janeiro, n.12, 2003.

SANTOS, Viviam. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v.30, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>>. Acesso em: 14 out. 2025.

Notas

¹ Profissional que atua no sentido de favorecer uma experiência de parto autônoma e respeitosa, dando apoio informacional, físico e emocional no período gravídico puerperal.

² Conceito e dimensão no âmbito das micropolíticas numa concepção e formulação que desenvolva e exercite a autonomia de sujeitos na tentativa de analisar cada saber, cada corpo, cada objeto sob uma perspectiva de produção de realidade, a partir das relações de poder.

³ Aspecto de estar junto e interligado, conforme percebi ao longo de minhas reflexões, e por serem, em essência, Ritos de Passagem.

⁴ Ato ou efeito de insurgir(-se), de sublevar(-se) contra a ordem estabelecida.

⁵ Conjunto de práticas contra a mulher/parturiente ou pessoa que gesta; uma violência institucionalizada, e que foi declarada pela Organização Mundial de Saúde como uma violação aos Direitos Humanos.

SOBRE A AUTORA

Marluce Cristina Araújo Silva é atriz formada pela Escola Técnica Estadual Martins Pena (Rio de Janeiro). Possui licenciatura em Teatro pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando como professora de Artes da educação básica, e como educadora popular e arte-educadora, com formação pela Escola Socioambiental do Centro Alternativo de Cultura. Também é Doula, e foi sócia-fundadora da Associação de Doulas do Pará (ADOUPA). Mestra em Artes pelo PPGARTES da UFPA com especialização na Arte de Contar Histórias pela FCC. Pesquisadora do Corpo e da Voz, desenvolve trabalhos artísticos e de pesquisa nas áreas das artes cênicas, educação, oralidade, direitos humanos e políticas de cuidados. E-mail: mardeluz26@gmail.com

Recebido em: 15/12/2024

Aprovado em: 30/04/2025